

nacional • nacional • nacional • nacional • nacional

É tarefa de todos apoiar Moçambique e Angola na consolidação da paz ainda frágil

— Presidente Samora Machel

«É tarefa de todos os revolucionários e progressistas na África e no Mundo, apoiar Moçambique e Angola neste momento delicado e complexo em que a paz é ainda frágil» — afirmou ontem o Presidente Samora Machel, na abertura da Cimeira dos «Cinco». Na sua intervenção, o dirigente moçambicano destacou os aspectos comuns da luta dos cinco países africanos, defi-

nindo as suas características e estratégia. Destacou também as tarefas que hoje se colocam para o desenvolvimento das cinco nações.

Eis, na íntegra, a intervenção do dirigente moçambicano:

Querido Camarada Comandante de Divisão, JOÃO BERNARDO VIEIRA Presidente da República da Guiné Bissau e Presidente em Exercício da nossa Cimeira,

Querido Camarada ARISTIDES PEREIRA Presidente da República de Cabo Verde,

Querido Camarada MANUEL PINTO DA COSTA Presidente da República Democrática de S. Tomé e Príncipe,

Querido Camarada JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS Presidente da República Popular de Angola,

Caros Camaradas,

Minhas Senhoras - Meus Senhores,

Estão aqui a saudar-vos membros do Comité Central do Partido Frelimo, Deputados da Assembleia Popular, nosso órgão máximo do Poder do Estado, dirigentes do Governo da República Popular de Moçambique.

Eles estão aqui, para desejar aos nossos ilustres hóspedes, aos nossos companheiros de armas desde a primeira hora, aos nossos aliados seguros, as mais calorosas e fraternas boas-vindas a Maputo, capital da República Popular de Moçambique.

Eles estão aqui, para desejar aos nossos ilustres hóspedes, aos nossos companheiros de armas desde a primeira hora, aos nossos aliados seguros, as mais calorosas e fraternas boas-vindas a Maputo, capital da República Popular de Moçambique.

Sentimo-nos todos honrados pela vossa presença, pelo privilégio que dão ao nosso povo de trazerem a vossa solidariedade amiga e segura.

Sentimo-nos emocionados porque estão perante nós Heróis vivos da África combatente, aqueles que consagraram as suas vidas ao ideal mais nobre que é servir o povo. Sentimo-nos privilegiados porque temos entre nós combatentes africanos, criadores da liberdade, fazedores da paz e do progresso.

Khanimambo, Camaradas, pela vossa presença!

O povo moçambicano, vosso amigo, saudava-vos com alegria, com respeito, com admiração.

O Camarada Presidente João Bernardo Vieira proferiu palavras que tocam o fundo do nosso coração. São palavras directas, proferidas por quem viveu os sacrifícios da luta e conhece o valor da liberdade. São palavras de um comandante e camarada que entregou anos da sua vida a longas marchas, que viveu a fome e a sede, a alegria da vitória numa batalha, a tristeza de enterrar um companheiro. São palavras que acalentam os nossos ânimos e estimulam o nosso combate.

Obrigado Presidente João Bernardo Vieira!

Caros Camaradas,

Os companheiros de Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe, convocaram esta Cimeira Extraordinária aqui na África Austral, para manifestarem a sua solidariedade para com a política de Paz da República Popular de Angola e da República Popular de Moçambique.

Estamos aqui, na África Austral, onde se travam combates decisivos entre o progresso e a reacção, entre a liberdade e a opressão, entre o militarismo e as forças da paz, entre a igualdade dos homens e a discriminação racial.

O simples facto de estarmos aqui reunidos por vontade própria, nesta Cimeira Extraordinária, confirma mais uma vez a nossa unidade inquebrantável.

Felicitemo-nos porque somos uma realidade viva no nosso Continente e no Mundo. Construímos um bloco unido e coeso, porque assumimos a luta de cada um de nós como a luta de todos nós.

O nosso lema sempre foi a solidariedade. Hoje, continua a ser solidariedade nos princípios e na acção.

Os nossos países viveram uma experiência comum de opressão e exploração. Juntos combatemos e juntos vencemos, juntos construímos as nossas pátrias.

Este rico património dos nossos povos enriquece a história contemporânea da África, a cultura e a personalidade do homem africano, dimensiona o nosso Continente à justa medida da dignidade do povo africano.

Gostaria de lembrar, nesta sessão solene, alguns elementos deste património comum, para que as novas gerações saibam compreender o que nos une e se tornem continuadoras da história gloriosa que criamos.

Caros Camaradas,

Nas nossas pátrias prevalecia a brutalidade da violência colonial. A vontade de justiça, de liberdade, de dignidade, de afirmação da personalidade dos nossos povos, a máquina repressiva colonial-fascista respondia sistematicamente com massacres. Icoito-Bengo, Pijiguiti, S. Tomé, Mueda, Iarrafal, são outros tantos nomes do calvário dos nossos povos.

O movimento nacionalista surge nas nossas pátrias com o objectivo de, pelo diálogo, restabelecer a dignidade e liberdade dos nossos povos, e, em diálogo, em negociações, promover a independência das nossas Pátrias.

preservar a vida dos nossos povos, a liberdade e dignidade dos homens, perante a intransigência assassina do sistema colonial-fascista.

A morte política de Salazar suscita na Comunidade Internacional a esperança que a potência colonial aceite um diálogo conducente à independência das nossas Pátrias. Do lado das nossas Organizações, manifestou-se de novo a vontade de fazer cessar o combate das armas em favor da negociação entre os homens.

A África, a OUA, na Declaração de Lusaka, pronunciou-se a apoiar as iniciativas que ponham termo à guerra colonial e garantam a independência dos territórios ocupados.

A intensificação da agressão foi a resposta do Caetanismo. A escalada em ataques bárbaros e massacres, a internacionalização do conflito pelo envolvimento directo de forças estrangeiras e sul-africanas, foi a resposta do Caetanismo.

Fomos forçados a fazer a guerra para estabelecer a Paz.

Logo que Portugal reconheceu o nosso direito à independência e aceitou transferir os poderes aos Movimentos de Libertação, então rapidamente se concluíram os Acordos de Paz.

O nosso objectivo comum foi sempre claro e consequente: independência nacional, paz, desenvolvimento económico, cultural e social.

Porque tínhamos objectivos muito

claros, em Angola, em Cabo Verde, na Guiné-Bissau, em Moçambique, em S. Tomé e Príncipe, foi-nos possível, com igual clareza, definirmos o inimigo, definirmos a nossa estratégia e tática.

A justiça destas definições foi confirmada pelo sucesso alcançado. A prática demonstrou a verdade da nossa teoria revolucionária.

Ao definirmos o inimigo, desde o início, sobmos distinguí, sem qualquer equívoco, o povo português, do colonialismo português. Sobmos distinguí, sem qualquer ambiguidade, o branco, o colono, do colonialismo português. Para nós, o colonialismo nunca teve pátria, o imperialismo nunca

teve povo, o capitalismo nunca teve raça.

Foram estes pontos essenciais das nossas concepções que nos impediram, por exemplo, unidade de acção com movimentos do tipo da UPA e levaram à ruptura, no seio da FRELIMO, com o grupo dos Simangos, Lázaro e Gwengeres.

Definimos o inimigo como sendo o sistema colonial. Então, fomos capazes de apontar as nossas armas para o alvo correcto: as forças repressivas do sistema colonial, as forças de agressão colonialista. Apontámos as nossas armas contra o exército colonial, contra a PIDE, apontámos as nossas armas contra a Polícia.

Na guerra colonial, os nossos combatentes não mataram mulheres, crianças, velhos; não mataram comerciantes e funcionários, camponeses e camionistas; não mataram trabalhadores pacíficos que, embora colonos, não eram nossos inimigos.

Tendo definido o inimigo, ou seja, o obstáculo à nossa reivindicação legítima e inalienável de independência, de liberdade, dignidade, justiça, estávamos em condições de definir, unir, mobilizar e organizar a nossa base social de apoio.

O povo era a nossa base. Os homens de todas as etnias, de todas as regiões, de todas as cores, de todas as crenças que compunham o nosso povo, eram a nossa base social.

Foi por isso que, desde o início da acção das nossas organizações políti-

cas, a FRELIMO, o MPLA, o PAIGC, unilateralmente libertaram prisioneiros de guerra. Estes tornaram-se arautos da justiça e humanidade da nossa causa.

As nossas ideias influenciaram muitos soldados e oficiais portugueses. Fizeram-lhes compreender a profunda iniquidade da classe em que estavam envolvidos. As derrotas militares sofridas pelo colonialismo e a acção do movimento democrático português culminaram, há dez anos atrás, no dia 25 de Abril, no derrube do sistema fascista.

Ao libertarmos as nossas Pátrias, demos também uma contribuição poderosa à libertação do Povo português. Ao libertarmos as Pátrias, impulsionámos a libertação do Zimbábue, o avanço da luta na Namíbia, o desenvolvimento do movimento democrático e anti-apartheid da África do Sul.

A consequência das nossas lutas, a seriedade do nosso engajamento, o empenhamento profundo nas massas populares, a presença contínua da Direcção no terreno de operações entre os combatentes, as transformações sociais que se operavam nas zonas libertadas, prestigiaram o movimento de libertação africano e o nosso Continente.

Jornalistas, cineastas, escritores, delegações de organizações políticas e sociais, homens e mulheres de todos os continentes, de todos os horizontes políticos, visitaram as zonas libertadas e transmitiam ao mundo a nova realidade que ali se criava.

Estes factores determinaram a mudança de estatuto do movimento de libertação africano na cena internacional. Deixámos de ser considerados «vítimas indefesas» e «exilados» que mendigavam ajudas. A comunidade internacional passou a olhar para nós como representantes dignos de Povos orgulhosos; reconheceu nos nossos dirigentes estadistas de grande craveira, sentiu que fornecíamos alternativas de governação séria e responsável.

Por estas razões, fomos admitidos no seio da OUA, dos Não-Alinhados, da Comissão Económica para a África, das Nações Unidas, como únicos e legítimos representantes dos nossos Povos.

A luta da FRELIMO, do MPLA, do PAIGC, determinou na cena internacional a dignificação do conjunto dos movimentos de libertação africanos.

A guerra de libertação das nossas pátrias foi um processo político-militar longo, complexo e difícil.

Devido à natureza e intransigência do sistema colonial-fascista, impunha-se desde o início a definição de uma estratégia conducente à derrota militar do colonialismo, à criação de uma correlação de forças que lhe impusesse a capitulação enquanto sistema.

Nunca encarámos a guerra como um instrumento de propagação de agitação de massas. Por isso recusámos sempre o terrorismo. Atingindo indolentemente, inocentes e não culpados, o terrorismo põe em causa a justiça, a dignidade, o respeito pela pessoa humana que eram a essência da nossa luta. Ele destrói a base interna da apoia. Intimida, cria medo, e não o amor e a dedicação à causa. A acção terrorista tem por objectivo as parangonas dos jornais. Não conduz à libertação efectiva do Povo e da Terra, ao isolamento, ao cerco e aniquilamento do inimigo real.

Como revolucionários, impunha-se que nas condições próprias dos nossos países e da conjuntura internacional, definíssemos a estratégia e tática adequadas para a conquista da vitória.

O nosso princípio foi sempre o de lutar no interior do País. A frente do exterior, ainda que importante, foi sempre definida como complementar.

Os nossos fundadores — Mondlane, Cabral, Neto — abandonaram o conforto das cátedras, dos consultórios,

para se instalarem na floresta — e não no exílio.

A geração de Marcelino, Lara, Vasco Cabral, Abílio Duarte, América Bogavida deixa as universidades, os consultórios, os gabinetes para vir para a floresta.

Os jovens de 61 que abandonam a Universidade — Fidélis Cabral, Chissano, Rebelo, Mariano, Paulo Jorge, Óscar Monteiro, Silvino da Luz, Pedro Pires, Sérgio Vieira, Fernando Ganhão, Pascoal Mocumbi, Iko Carrel, a Cruz Pinto, José Araújo, tantos outros — tomam o rumo da floresta e não do exílio. (APLAUSOS EM PE)

Dos liceus e escolas secundárias, saem centenas de jovens em cada um dos nossos Países para ir para a floresta e não para utilizarem bolsas de estudo para o exterior.

Como a nossa base era o Povo, que se encontrava sobretudo nas zonas rurais, a nossa estratégia foi a conquista do campo, a libertação do Povo e da Terra, para isolar de maneira crescente o inimigo nos seus campos entrencheados e nas cidades.

Assim invertimos a correlação de forças no terreno e não na propaganda.

A guerra de libertação criou zonas libertadas, que foram para nós a escola do exercício do poder, o desenvolvimento da experiência de uma alternativa de governo, cultura, civilização e organização social. Elas foram o factor decisivo na transformação qualitativa da luta pela independência em luta revolucionária.

Este salto que permite aprofundar o processo revolucionário das transformações sociais de conteúdo popular e democrático no conjunto dos nossos países.

O carácter revolucionário das nossas lutas tornou-as alvo da acção desestabilizadora e agressiva do imperialismo. Nas nossas Pátrias, o inimigo recorreu a todos os métodos para nos destruir, quer durante a luta de libertação quer depois da vitória.

Caros Camaradas,

A República Popular de Moçambique e a República Popular de Angola têm sido alvo de uma acção sistémica de desestabilização levada a cabo por bandidos que foram recrutados, treinados, equipados, financiados, dirigidos e abastecidos a partir do exterior, e, quando feridos, são evacuados para o exterior.

Importa determo-nos na análise do banditismo armado, fenómeno novo na estratégia imperialista de agressão em África.

A utilização de agentes infiltrados no seio dos movimentos de libertação, no final da década de 60, foi um prenúncio desta nova estratégia. Os assassínatos de Eduardo Mondlane e Amílcar Cabral resultam desta concepção criminosa. A PIDE organiza assassínatos que são executados por elementos infiltrados, numa tentativa de imputar a responsabilidade do crime a dissensões internas do movimento de libertação.

Momo Touré, Gwengere, são agentes directos da PIDE que são infiltrados no PAIGC e na FRELIMO para promover divisões tribais, regionais, raciais e religiosas e assassinar dirigentes.

Incapaz de conceber o povo como produtor da História e sujeito soberano da sua própria emancipação, o imperialismo considera que só a intimidação pode levar as massas populares a optarem e a agirem. Na base desta concepção criam-se os Flechas, os GE's e os GEP's. O seu objectivo é tentarem fazer-se passar por combatentes do movimento de libertação e nessa falsa qualidade cometerem crimes e espalharem o terror no seio da população. Esta acção visava descreditar o movimento de libertação isolá-lo do povo e desprestigá-lo internacionalmente.

Um exemplo nítido desta acção foi o assassínato, pelas forças colonialistas, de fazendeiros e camponeses bren-

dos gabinetes, para se instalarem na floresta — e não no exílio.

A geração de Marcelino, Lara, Vasco Cabral, Abílio Duarte, América Bogavida deixa as universidades, os consultórios, os gabinetes para vir para a floresta.

Os jovens de 61 que abandonam a Universidade — Fidélis Cabral, Chissano, Rebelo, Mariano, Paulo Jorge, Óscar Monteiro, Silvino da Luz, Pedro Pires, Sérgio Vieira, Fernando Ganhão, Pascoal Mocumbi, Iko Carrel, a Cruz Pinto, José Araújo, tantos outros — tomam o rumo da floresta e não do exílio. (APLAUSOS EM PE)

Dos liceus e escolas secundárias, saem centenas de jovens em cada um dos nossos Países para ir para a floresta e não para utilizarem bolsas de estudo para o exterior.

Como a nossa base era o Povo, que se encontrava sobretudo nas zonas rurais, a nossa estratégia foi a conquista do campo, a libertação do Povo e da Terra, para isolar de maneira crescente o inimigo nos seus campos entrencheados e nas cidades.

Assim invertimos a correlação de forças no terreno e não na propaganda.

A guerra de libertação criou zonas libertadas, que foram para nós a escola do exercício do poder, o desenvolvimento da experiência de uma alternativa de governo, cultura, civilização e organização social. Elas foram o factor decisivo na transformação qualitativa da luta pela independência em luta revolucionária.

Este salto que permite aprofundar o processo revolucionário das transformações sociais de conteúdo popular e democrático no conjunto dos nossos países.

O carácter revolucionário das nossas lutas tornou-as alvo da acção desestabilizadora e agressiva do imperialismo. Nas nossas Pátrias, o inimigo recorreu a todos os métodos para nos destruir, quer durante a luta de libertação quer depois da vitória.

Caros Camaradas,

A República Popular de Moçambique e a República Popular de Angola têm sido alvo de uma acção sistémica de desestabilização levada a cabo por bandidos que foram recrutados, treinados, equipados, financiados, dirigidos e abastecidos a partir do exterior, e, quando feridos, são evacuados para o exterior.

Importa determo-nos na análise do banditismo armado, fenómeno novo na estratégia imperialista de agressão em África.

A utilização de agentes infiltrados no seio dos movimentos de libertação, no final da década de 60, foi um prenúncio desta nova estratégia. Os assassínatos de Eduardo Mondlane e Amílcar Cabral resultam desta concepção criminosa. A PIDE organiza assassínatos que são executados por elementos infiltrados, numa tentativa de imputar a responsabilidade do crime a dissensões internas do movimento de libertação.

Momo Touré, Gwengere, são agentes directos da PIDE que são infiltrados no PAIGC e na FRELIMO para promover divisões tribais, regionais, raciais e religiosas e assassinar dirigentes.

Incapaz de conceber o povo como produtor da História e sujeito soberano da sua própria emancipação, o imperialismo considera que só a intimidação pode levar as massas populares a optarem e a agirem. Na base desta concepção criam-se os Flechas, os GE's e os GEP's. O seu objectivo é tentarem fazer-se passar por combatentes do movimento de libertação e nessa falsa qualidade cometerem crimes e espalharem o terror no seio da população. Esta acção visava descreditar o movimento de libertação isolá-lo do povo e desprestigá-lo internacionalmente.

Um exemplo nítido desta acção foi o assassínato, pelas forças colonialistas, de fazendeiros e camponeses bren-

dos gabinetes, para se instalarem na floresta — e não no exílio.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE



Na qualidade de hospedeiro, o Presidente Samora Machel, pronunciando o seu discurso no início dos trabalhos da Conferência Cimeira dos Cinco em Maputo